



## A FÉ DE JESUS COMO RESPOSTA À RELAÇÃO PLENA DE AMOR ENTRE O PAI E O FILHO

(Faith of Jesus as a response to a relation full of love between Father and Son)

**Dr. Pe. César Teixeira \***

Doutor em Teologia pelo ANGELICUM/Roma

**Me. Antonio Wardison C. Silva \*\***

Mestre em Filosofia pela PUC-SP, graduado em Filosofia e Teologia.

**Júnior Ribeiro da Silva \*\*\***

Graduado em Filosofia e Teologia. Especialista em Bioética.

### RESUMO

O presente texto reflete a fé de Jesus como resposta à relação filial entre o Pai e o Filho. Essa união íntima, caracterizada pela palavra *Abba*, revela que a própria existência de Jesus se deu no seio do Pai e foi desenvolvida na intimidade com Ele. É nesse seio amoroso do Pai que Jesus forma, desde o início, a consciência de um Deus próximo, amoroso e capaz de ouvir os clamores de seu povo. O Senhorio de Deus é cristalizado na atuação de Jesus por meio do anúncio do Reino. E a força que faz Jesus abraçar o projeto de Deus é o Espírito, tornando-o desejoso e capaz de realizar a vontade do Pai.

**Palavras-chave:** Amor. Revelação. Pai. Filho.

### ABSTRACT

This work highlights the faith of Jesus as a response to the affiliate relationship between the Father and the Son. This intimate union, characterized by the word *Abba*, reveals that the very existence of Jesus took place in the bosom of the Father and it was developed in the intimacy with Him. It is in this loving bosom of the Father that, from the beginning, Jesus constitutes the consciousness of a God who is close, loving and able to hear the cries of his people. The Lordship of God is crystallized in the actions of Jesus through the proclamation of the Kingdom. The force that makes Jesus embrace the plan of God is the Spirit, making Jesus desirous and able to carry out the will of the Father.

**Keywords:** Love. Revelation. Father. Son.

### INTRODUÇÃO:

Partindo do pressuposto da paternidade de Deus e da resposta de amor do Filho ao Pai, constituída por uma relação de comunhão plena, no Espírito, tem-se como pretensão, nesta



reflexão, aprofundar a relação filial que marca a resposta de fé de Jesus ao Pai. Neste sentido, o presente texto, a partir de uma análise cristológica, procurará perscrutar a vida e a missão de Jesus, verdadeiro e único Filho de Deus, o enviado do Pai, na sua relação plena de intimidade com Deus, de onde emana todo o seu agir e consciência do desígnio soteriológico. Pois a relação de amor, vivida em comunhão com o Pai, no Espírito, movia Jesus ao encontro íntimo com Deus, o que despertava Nele o desejo e a vontade de cumprir a missão dada pelo Pai.

Sua única preocupação estava em Deus: anunciar e comunicar aquilo que Ele vivia junto do Pai. Por isso, Jesus não só falava do Pai, mais o invocava constantemente: *Em verdade, em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz; e lhe mostrará obras maiores do que essas para que vos admireis* (Jo 5,19-20).

Em Jesus, Palavra viva e real de Deus, o Pai se comunica e apresenta sua obra de amor à humanidade. Assim, no Filho, encontra-se o verdadeiro projeto de Deus: “Disse-lhes Jesus: meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (Jo 4,34). O centro e vértice deste mistério de amor *é o envio do seu Filho, no qual estabeleceu sua aliança para sempre. O filho é a Palavra definitiva do Pai. Depois dele não há outra revelação.*<sup>1</sup>

Esta única e definitiva revelação tornará a humanidade participante do mistério salvador de Jesus, uma vez que ele responde com liberdade e consciência os desígnios da sua missão, em favor de todos. Somente uma comunhão perfeita entre o Pai e o Filho pode sustentar a verdade de tal mistério.

## **1. FÉ E MISSÃO: PRESUPOSTOS DA CONSCIÊNCIA DE JESUS DESENVOLVIDA NA INTIMIDADE COM O PAI**

Introduzir uma reflexão sobre a fé de Jesus, como Aquele que permanece desde o princípio ao lado do Pai – em íntima união com Ele – pressupõe uma verdade incontestável, isto é, a de afirmar que o verdadeiro foco da existência de Jesus era o Pai em toda plenitude de sua realidade. E foi justamente a partir da vivência dentro da sinagoga que Jesus fora aprendendo e apreendendo a imagem daquele Deus salvador, outrora anunciado e comunicado pela tradição. Um Deus preocupado com a felicidade do povo; um Deus próximo e amoroso, capaz de interagir com os homens, principalmente os explorados pelos sistemas de governos ou pelos sistemas religiosos.

A centralidade da missão de Jesus, o Filho de Deus – assim chamado e reconhecido por muitos – é garantida livremente pelo seu agir, manifestado pelas suas palavras e testemunhado por sua vida de fé. Ora, o anúncio de Jesus estava repleto da divindade do Pai, a ele comunicado e assistido pelo seu Espírito de amor. Em Jesus, Deus se revela, pois o filho testemunha o Pai com todo o seu agir.

O Deus testemunhado por Jesus e que começa a exercer seu senhorio com a atuação de Jesus não é senão o Deus único experimentado pelos crentes de Israel (Dt 6,4;



Mc1 2,29), que está “ai” e estará “ai” como auxiliador de maneira livre e disponível (Ex 3,14; Is 52,6) e que perdoa se o pecador se converte a ele (Ez 18, 23; Ne 9,17).<sup>12</sup>

Constantemente Jesus, Aquele em quem Deus deposita plenamente a certeza de ser o verdadeiro anunciador da boa nova, o Filho inteiramente querido e adorado, não só manifestou, mas comunicou, testemunhou e revelou profundamente a todos sua fé, fruto de uma confiança inabalável vivida na intimidade com o Pai: *Então, em alta voz, Jesus ensinava no Templo, dizendo: Vós me conheceis e sabeis de onde eu sou; no entanto, não vim por própria vontade, mas é verdadeiro aquele que me enviou e que não conheceis. Eu, porém, o conheço, porque venho de junto dele, e foi ele quem me enviou* (Jo 7,28-29).

Confiança e obediência são algumas das atitudes que revelam profundamente a originalidade da mensagem cristã, anunciada e testemunhada por Jesus à humanidade, vivida na intimidade com o Pai, sob a ação do Espírito. Pois, diante das inúmeras circunstâncias que eles se manifestavam, Jesus, aos poucos, tomava consciência do seu próprio ato de crer no Pai e, com isso, da sua missão salvadora.

Quanto mais Jesus acolhia o seu desígnio, de mediador e portador da ação escatológica da salvação – depositado em suas mãos – mais se entregava nos braços do Pai. No evangelho de João, por exemplo, podemos constatar essa confiança em Jesus mediante seu agir: *Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é válido, porque sei de onde venho e para onde vou [...] se eu julgo, porém, o meu julgamento é verdadeiro, porque eu não estou só, mas comigo está o Pai que me enviou* (Jo 8 14-16).

A vida de Jesus foi uma entrega total, de pura confiança a Deus, pondo-se numa atitude de disponibilidade incondicional. Tudo que fazia, fazia-o animado por essa atitude genuína, pura, espontânea e de confiança no seu Pai. Procurava sua vontade sem receio, calculismo, nem estratégias. Não se apoiava na religião do templo nem na doutrina dos escribas nem nas tradições de Israel.<sup>3</sup>

Somente do Pai é que originava toda essa confiança incondicional e a total disponibilidade para anunciar o Reino, o que permitia a Jesus testemunhar o amor de Deus; comunicar o seu Espírito de amor, que Ele mesmo experimentou com muita intensidade; curar o mal; expulsar os demônios; e oferecer melhores condições de vida aos desprezados, aqueles esquecidos pela sociedade e considerados cheios do demônio.

Ao longo de sua história, Jesus viveu situações de escuridão, de conflito e de luta interior, mas manteve-se sempre fiel ao seu Pai amado. Cheio do Espírito do Pai, não sentia medo ao enfrentar os espíritos malignos para fazer chegar à misericórdia de Deus aos mais indefesos e escravizados pelo mal. É o que nos é confirmado por São Lucas em seu evangelho, quando nos apresenta Jesus em um dia de sábado na sinagoga, como o Ungido pelo Espírito, o enviado por Deus aos homens para dar a Boa Nova: *O Espírito do senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor* (Lc 4,18-19).



A mensagem de fé comunicada por Jesus, vivida na intimidade e na identificação com o Pai, o torna altamente reconhecido como o Messias, Filho de Deus, o que, por sua vez, mostra que a sua fé era absoluta e profunda. Nota-se que em “sua vida terrena, Jesus se mostra como quem evoca, por sua própria atuação, a fé em Deus”.<sup>4</sup> Jamais podemos dissociar a mensagem do Reino com a praxe da vida de Jesus, porque todo o conteúdo da sua mensagem se encontra dentro do seu agir, anunciado e comunicado mediante o ato de crer no plano de salvação<sup>5</sup> dado a Ele pelo Pai.

Jesus nunca se calou diante de tudo aquilo que é contra a proposta do Reino, sobretudo em se tratando daquilo que gerava escravidão, dor e morte. Ele anunciava o Reino, porque sabia a origem dessa motivação; sabia que o Pai não o abandonaria jamais, mesmo em meio às perseguições. Ora, Jesus jamais depositou sua confiança no Templo ou nas leis dadas pelos escribas; não se vinculou a nenhum grupo político; não se prendeu a costumes ou em determinadas tradições. Enfim, foi justamente nesse espírito de liberdade e sabedoria que soube confiar e acolher a vontade do Pai.

Por meio da parábola dos vinhateiros (Mt 21,33ss), por exemplo, podemos perceber nas palavras de Jesus o momento em que ele indica o seu próprio destino, fazendo-se notar a rejeição que iria sofrer nas mãos dos seus adversários: *Os vinhateiros, porém, vendo o filho, confabularam: Este é o herdeiro: vamos! matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança* (Mt 21,38). No Profeta Isaías (5,1-7), na imagem da vinha, percebe-se uma simbologia de toda história do povo de Deus, estabelecida numa série de revoltas e homicídios. Assim como em toda a ação profética, Jesus olha para a história e, nas Escrituras, comprova seu desígnio: *A pedra que os pedreiros rejeitaram tornou-se a pedra angular...* (cf. Mt 21,42 citando Sl 118,22-23).

As narrativas, nas Escrituras, declaram a confiança de Jesus no Pai. Sabia ele que na sua pessoa (o Verbo de Deus<sup>6</sup>) a vitória seria definitivamente alcançada. Assim, podemos afirmar que na vida inteira de Jesus, *e em particular em sua morte e ressurreição, produz-se a revelação de Deus como Pai. Portanto, o Pai é o ponto total e a constante referência de toda a vida de Jesus.*<sup>7</sup> À medida que Jesus vai tomando consciência do seu desígnio, entrega-se totalmente aos braços do Pai e, assim, anuncia tal missão aos seus discípulos: os momentos de dores, de aflição e de perseguições que lhe serão impostas (cf. Mt 23,33-35; 23,29-32; Lc 11,47-51; 13,34; Jo, 8,44; At 7,51-52).

Portanto, a partir da pessoa de Jesus, na sua intimidade com o Pai, entende-se que ele não apenas cumpriu um mero desígnio na história, mas comunicou o próprio Deus e todo seu projeto de salvação e, por isso, manifestou-se como o salvador do mundo, enviado do Pai: a obra de Jesus é a obra de Deus, testemunhada da união do Filho com o Pai, no Espírito.

## **2. JESUS CHAMA DEUS DE ABBA: UMA EXPERIÊNCIA PLENA DE FÉ E DE AMOR**

Em Jesus, as palavras e ações não só proclamam, mas evidenciam o seu vínculo original de proximidade com Deus, a quem constantemente o chama de Pai, Abba:<sup>8</sup> *Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida. O Pai ama o Filho e tudo entregou em suas mãos* (Jo 3,34-35).



Todo o agir messiânico de Jesus revela e anuncia eficazmente a grandeza do rosto bondoso e misericordioso do Pai, fonte primeira e principal de onde se emanam todas as obras do Filho, as quais comunicam originalmente a identidade de unidade vivida de forma profunda ao lado do Pai: “o que interessa, na obra feita, não é o que é feito, senão o fato de que é a obra do Pai, realizada – levada à perfeição, diz o verbo grego – pelo Filho”.<sup>9</sup>

Em algumas perícopes do Evangelho de João é possível identificar esta realidade, de profunda relação entre o Pai e o Filho: a originalidade do agir de Jesus, como revelação plena daquele que o enviou:

O sinal é uma indicação que deixa transparecer a realidade de Jesus, sua glória escondida na carne. Do cap. 5 em diante, nota-se inclusive uma mudança na terminologia: aparece o termo obra (p. ex. 5,36), mas sempre e exclusivamente nos lábios de Jesus. Este, por sua vez, acentua mais diretamente que no gesto de Jesus está presente a ação do Pai: o Pai age em Jesus e através de Jesus. Assim, o sinal não revela simplesmente quem é Jesus (sua origem, seu significado para nós), mas também, mais em profundidade o rosto do Pai.<sup>10</sup>

Nota-se também que nessa relação perpassa a atitude de obediência de Jesus em cumprir a vontade do Pai, bem como sua docilidade ao Pai: *Quem crê em mim, não crê em mim, mas naquele que me enviou, e quem me vê, vê aquele que me enviou* (Jo 12,45). O amor que o Pai deposita no Filho impele-o a se manifestar nas ações e nas obras confiadas no Filho: *também o Pai que me enviou dá testemunho de mim*; e pela obediência, o Filho é impelido a cumprir e testemunhar livremente as obras do Pai: *disse-lhes Jesus: em verdade, em verdade, vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho* (Jo 5,19-20). Portanto, é somente com o Pai que Jesus vive intimamente uma profunda experiência de amor: *porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz; e lhe mostrará obras maiores do que essas para que vos admireis* (Jo 5,20); *o Pai ama o filho e tudo entregou em suas mãos* (Jo 3,35).

Todas as palavras, as atitudes e os gestos que são comunicados, anunciados e testemunhados por Jesus são verdadeiras ações que provêm de uma perfeita relação de amor vivida fielmente com Deus, sob a ação do Espírito, numa fé vivificante. E ao revelar o rosto do Pai, Jesus manifesta que tanto o seu ensinamento como toda sua missão são ações que não emanam de si mesmo: *então sabereis que Eu sou e que nada faço por mim mesmo, mas falo como me ensinou o Pai. E quem me enviou está comigo. Não me deixou sozinho, porque faço sempre o que lhe agrada* (Jo 8,28-29). Para Jesus, todas as suas ações se originavam de Deus. Dessa forma, constata-se que todo o agir de Jesus se reveste em um caráter radicalmente teocêntrico: *As palavras que vos falo não as falo por mim mesmo; é o Pai, que permanece em mim* (Jo. 14,10).

Nesta perspectiva, Jesus vive constantemente orientado e referido ao Pai, a quem corresponde à primazia absoluta na vida inteira de Jesus. *A comunhão entre ambos é total.*<sup>11</sup> Somente Jesus, repleto de Deus, poderia revelar aquele que o enviou. Assim, ele conhece plenamente o Pai, assim como Pai o conhece profundamente, numa relação constante de amor: *Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar* (Mt 11,27).



Jesus é aquele que crê autenticamente. Ele se envolveu inteiramente na aventura da confiança em Deus, vive a fé sem falar dela o tempo todo e está absorvido em despertar a fé nos outros. Dá aos que os segue parte em sua relação íntima com Deus, os inclui em sua fé e seu relacionamento filial com o Pai.<sup>12</sup>

Por ser o enviado do Pai, mensageiro da boa nova, Jesus, em sua atuação messiânica, ensinava, falava e testemunhava com plena autoridade. *Quem crê no Filho tem a vida eterna. Quem recusa crê no Filho não verá a vida* (Jo 3,36). Deus não é anunciado por meio de grandes discursos ou atitudes coercitivas, mas o é por uma profunda e autêntica expressão de amor e fidelidade do Filho: Ele fala do Pai como homem que o conhece da fonte, por experiência própria, porque vive em sua intimidade.<sup>13</sup>

Neste sentido, o texto de Mateus 7,28-29 pode ser apontado como tentativa de estabelecer uma correlação de suprema fidelidade entre o Pai e o Filho, conjugada também mediante a autoridade de Jesus e reconhecida pela multidão: *Aconteceu que ao terminar Jesus essas palavras, as multidões ficaram extasiadas com o seu ensinamento, porque as ensinava com autoridade e não como os escribas*. Dentro dessa relação de intimidade e fidelidade que há entre o Pai e o Filho, constata-se uma unidade verdadeira de confiança incondicional no Pai.

Assim, pode-se afirmar que se Deus é comunicado radicalmente pela vida de Jesus, esta comunicação é uma resposta livre e concreta de amor, assumida e vivida numa comunhão plena de espírito e de vida com seu Pai, em quem tanto confiava: *o amor de Deus pelos homens é a única razão desse envio do seu Filho ao mundo: eis como se manifestou o amor de Deus em nós: Deus enviou seu Filho único ao mundo para que vivêssemos por meio dele*.<sup>14</sup>

A relação de abandono, de entrega e de confiança que Jesus vive na presença de Deus, constitui-se de forma totalmente permanente e expressiva, pois sua referência sempre foi realizar plenamente a vontade do Pai e, dessa forma, fazer-nos participantes da comunhão em Deus. Toda a vida de Jesus está imersa na própria vida de Deus. Ele é Deus junto aos homens. *Em seu rosto vemos o rosto de Deus; nele experimentamos a vontade reconciliadora de Deus. Deus é sempre aquele que age, e o mediador é aquele através de quem ele age*.<sup>15</sup>

O agir do Filho está introduzido na participação da vontade do Pai, que o ama, e que não o abandona jamais, tornando-o o verdadeiro comunicador do Espírito: *o mediador e a plenitude de toda salvação*.<sup>16</sup> Portanto, a unidade mantida com o Pai consiste numa união inquebrantável.

Jesus vivia numa imediatez, familiaridade e aconchego para com Deus que só podem emanar da experiência da solicitude amorosa e proximidade confiável de Deus e de uma relação confiante e cotidiana com ele. [...] Jesus se radica em seu Abba com uma naturalidade inaudita. Ele falou e agiu a partir de sua profunda ligação com Deus. Sua relação imediata com Deus é, por isso, a fonte de sua certeza em relação a Deus, de sua vida e sua pretensão missionária.<sup>17</sup>

Para a *Dei Verbum*,<sup>18</sup> Jesus Cristo, Verbo feito carne, *enviado como homem aos homens, fala, portanto, as palavras de Deus* (Jo 3,34) e *consuma a obra da salvação que o Pai mandou realizar* (Jo 5,36;17,4). Assim, o perfeito e definitivo revelador do Pai, pelas palavras, gestos e sinais, revela profundamente a grande relação de intimidade vivida junto de Deus:



Na sua humanidade, Jesus é tão intimamente “do Pai”, que é exatamente nisso que ele é Filho de Deus. Isso por si sugere que o centro da humanidade de Jesus não estava dentro dele mesmo, mas em Deus Pai. Os dados históricos sobre Jesus também o mostram; o centro, o apoio, a “*hypóstasis*” (no sentido de algo que dá estabilidade) era o seu relacionamento com o Pai, com a causa do qual se identificava. Como ser humano que ele é, Jesus é constitutivamente “alocêntrico”: voltado para o Pai e para a salvação que vem de Deus para todos; é isso que lhe dá o seu perfil e o seu rosto. É isso que identifica Jesus de Nazaré. A sua autonomia como Jesus de Nazaré é a sua relação constitutiva total com aquele que ele chama de Pai, o Deus voltado para o humano. É essa a sua experiência com o “Abba”, alma, fonte e base do que ele faz e deixa de fazer, de sua vida e de sua morte<sup>19</sup>.

A confiança de amor e fidelidade, portanto, vivida na intimidade com o Pai, Jesus não só a realiza como sendo algo exclusivamente pessoal, mas a comunica a todos os homens: *manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste. Eram teus e os destes a mim e eles guardaram tua palavra. Agora reconheceram que tudo quanto me deste vem de ti, porque as palavras que me deste eu as dei a eles, e eles a acolheram e reconheceram verdadeiramente que saí de junto de ti e creram que me enviaste. [...] Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a Conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles* (Jo 17, 6-8; 26).

### 3. O AGIR DE JESUS E O ANÚNCIO DO REINO: UMA RESPOSTA DE AMOR

Ao revelar a mensagem do Reino, Jesus comunica aos homens tanto sua vida pessoal, bem como sua relação de amor filial, vivida em comunhão plena de amor e obediência com o Pai. Pois, *o sentido de toda a atuação de Jesus é ser aquele que traz a ajuda de Deus e transmite salvação; onde isso não é reconhecido, toda a sua missão é ignorada, e o reino de Deus não é entendido, nem as obras deste reino.*<sup>20</sup>

A boa nova anunciada por Jesus se revelava de tal forma que era recebida como uma mensagem composta e carregada de grande novidade, cuja revelação acabava atingindo e envolvendo a todos, sobretudo aqueles que lhes eram próximos. Nota-se que as palavras, o agir e as atitudes de Jesus conseguiam alcançar e tocar profundamente as pessoas, principalmente àquelas rejeitadas, desamparadas e perseguidas pelos que governavam e regiam o templo.

Alguns ditos bíblicos evidenciam o revelar de Cristo, como o revelar de Deus para os homens, na construção do Reino: *cura de um leproso* (Mc 1,40-45); *cura de um paralítico* (Mc 2,1-12); *cura de um cego em Betsaida* (Mc 8,22-26); *o epiléptico endemoniado* (Mc 9,14-29); *amor aos inimigos* (Lc 6,27-35); *cura do servo centurião* (Lc 7,1-10); *cura da filha de uma mulher Cananeia* (Mt 15,21-28). Enfim, na sua própria vida Jesus testemunhava fielmente o Reino, o que o fazia pleno de Deus.

Nesta atitude de passar fazendo o bem, Jesus se revela como sendo o enviado do Pai, o mensageiro da boa nova, *que o Pai lhe mandou realizar* (Jo 5,36), destinado a comunicar aos



homens uma proposta de amor, cuja vida é chamada a ser repleta de esperança, liberdade e alegria, contra todas as amarras da escravidão e do pecado. É justamente nesse ato de *passar fazendo o bem* que se manifesta o perdão dos pecados, no desmascaramento da mentira social e religiosa, na liberdade perante a lei e a religião na superação de preconceito.<sup>21</sup> Nos gestos de Jesus, então, Deus se revelava, como também se revelava a atuação de amor de Jesus junto ao Pai. Um amor vivido na fidelidade, como resposta consciente do Filho ao Pai, no anúncio do Reino.

As palavras de Jesus, pela intensidade da relação que estabelecia com todos os excluídos, davam a eles o desejo e a força de quebrar as cadeias do destino que entravavam sua liberdade.<sup>22</sup> Ao mesmo tempo, a luz libertadora de seu ensino exorcizava as mentalidades e os costumes maléficos, heranças do passado, e as violências nascidas do medo, que impediam as sociedades humanas a se defender das fatalidades ditadas pelos governantes. Assim, Jesus se tornava uma referência de suma importância para a história de Israel, pois lhes comunicava um futuro diferente, na perspectiva de os homens serem mais fraternos e misericordiosos. Dessa forma, Jesus testemunhava o Pai ao anunciar o Reino, e ao anunciar o Reino, testemunhava o Pai, o que expressa a plena relação de espírito, vontade e de amor entre o Pai e o Filho.

Ao comunicar e testemunhar o Reino de Deus, Jesus se apresenta como aquele que vive a prática do serviço e da obediência. Assim, tem no centro de todo o seu agir somente a vontade do Pai e, com isso, o desejo de fazer e tornar os homens participantes do Espírito de Deus, como resgate da natureza humana: *Assim, disse Jesus aos seus discípulos: Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos* (Mc 10, 45b). Pode-se afirmar que Jesus, em seu agir, comunica à humanidade todos os bens de Salvação por meio da mensagem do Reino, no anúncio da boa nova; ou seja, a salvação que Deus quer oferecer ao gênero humano se realiza plenamente em Jesus, seu Filho amado, sob a ação do Espírito Santo.

Por isso, no centro do agir de Jesus sempre se encontrava presente a preocupação de revelar o Deus de amor, de bondade e de misericórdia, fonte de onde emanava a mensagem desse Reino, tão querido pelo Pai, testemunhado pelos lábios do Filho e ecoado nos corações dos homens. “Ele inaugurava e manifestava em si mesmo um novo vínculo recíproco entre Deus e o homem, uma religião nova, e isso mesmo é que levava a se interrogarem sobre a identidade de sua relação com Deus, identidade constitutiva de sua personalidade”.<sup>23</sup>

Vê-se, então, que o foco central do agir de Jesus se concentrava profundamente naquilo que vinha de Deus, do desejo de anúncio do Reino por palavras e ações: “o centro da missão de Jesus foi constituído pelo anúncio do Reino de Deus, que ele tornou presente no mundo por sua presença, palavra e obras”.<sup>24</sup>

Veio, pois, o Filho, enviado pelo Pai, que ainda antes da criação do mundo nos escolheu nele e nele nos predestinou à filiação adotiva, porque lhe aprovou encabeçar em Cristo todas as coisas (cf. Ef. 1,4-5 e 10). E Cristo, para cumprir a vontade do Pai, inaugurou na terra o reino dos céus, cujos mistérios nos revelou; e pela obediência operou redenção.<sup>25</sup>



Ocorre que Jesus, por meio do seu anúncio, realiza uma ação absolutamente inovadora. Ele comunica uma mensagem capaz de propor esperança e de mostrar a beleza da justiça, principalmente para com os mais necessitados: pobres, pecadores, crianças, pequenos, desprezados, injustiçados etc. Trata-se de uma novidade arrebatadora, capaz de mobilizar as pessoas pelo testemunho dado e de deixar muitos corações inquietos ou irritados, particularmente pelo fato de ouvirem as palavras ou de presenciarem o agir testemunhal de Jesus, como o verdadeiro mensageiro do Pai, assistido pelo Espírito, em prol do anúncio e construção do Reino.

O convite do Deus do Reino, mediante Jesus, pode ser traduzido da seguinte maneira: Vocês, desprezados, marginalizados, injustiçados..., estão convidados a entrar no Reino de Deus! E não esqueçamos que o convite gratuito feito por Deus aos pobres vem seguido em Lc 6,24 de uma dura advertência aos ricos: se vocês continuarem marginalizando e injustiçando os outros, não participarão do Reino! Obviamente, se existem pobres, injustiçados e desprezados é porque alguém os empobreceu, cometeu injustiças contra eles e os desprezou. E não adianta dizer que são as estruturas econômicas, sociais, políticas e outras que marginalizam, pois essas estruturas que violentam os seres humanos são ou foram criadas pela ganância, pela injustiça e pela vontade de poder dos homens.<sup>26</sup>

Portanto, ao anunciar o Reino, Jesus apresenta uma nova perspectiva de vida, nas suas várias dimensões: social, política, espiritual, religiosa e filial (com Deus). Mas este anúncio é o testemunho mesmo daquele que o enviou. Ao anunciar, Jesus fala de Deus; e ao falar de Deus, fala de si e testemunha Deus. Somente cheio do Espírito, Jesus pode, com gestos e palavras, falar do projeto de Deus, o que revela sua comunhão e intimidade com aquele que o enviou para proclamar a boa nova a todas as criaturas do mundo. Jesus não se enche do Espírito de forma mágica, senão pela própria pedagogia da revelação de Deus ao comunicar o seu Espírito: *Logo que saiu da água, viu que os céus se rasgavam e que o Espírito, em forma de pomba, descia sobre ele. E ouviu-se uma voz que vinha do céu: 'Tu és o meu Filho amado, em ti eu me agrado* (Mc 1,10-11). Deus comunica o seu Espírito, não como uma experiência qualquer – Teofania – mas como algo que vai além das ações ordinárias, para Jesus melhor aprofundar e entender o seu agir e o seu falar.

[...] o Deus misterioso e insondável vai comunicar-se a ele; o Pai vai “dialogar” com Jesus. Recém-saído das águas do Jordão, aquele buscador de Deus vai viver uma dupla experiência. Vai descobrir-se a si mesmo como Filho muito querido: Deus é seu Pai! Ao mesmo tempo vai sentir-se cheio de seu Espírito [...]. No Jordão, Jesus não vive só a experiência de ser Filho querido de Deus. Ao mesmo tempo sente-se cheio de seu Espírito. Vê que, daquele céu aberto “o Espírito descia sobre ele”. O Espírito de Deus, que cria e sustenta a vida, que cura e dá alento ao todo vivente, vem encher tudo com sua força vivificadora. Jesus experimenta-o como Espírito de graça e de vida [...]. Jesus experimenta em si a força do Espírito com tanta intensidade que, consciente de seu poder vivificador, aproximar-se-á dos enfermos para curá-los de seu mal; a única coisa que lhes pede é fé nessa força de Deus que atua nele e através dele. Cheio do Espírito bom do Pai, não sente medo nenhum de enfrentar espíritos malignos [...].<sup>27</sup>



## 4. JESUS, PALAVRA DE DEUS QUE SE REVELA EM UMA COMUNICAÇÃO DE AMOR

Na primeira parte da *Verbum Domini* tem-se presente, de forma definida, a ênfase da Teologia da Revelação, cuja novidade é a autocomunicação divina, de Deus que se dá a conhecer no diálogo com a humanidade, convidando-a a participar e viver da sua vida divina, pela própria Palavra. Dessa forma, por livre vontade, Deus se dá a conhecer amorosamente à humanidade.

O Prólogo joanino apresenta-nos o fato de que o *Logos* existe realmente *desde sempre*, e desde sempre *Ele mesmo é Deus*. Por conseguinte, nunca houve em Deus um tempo em que não existisse o *Logos*. O Verbo preexiste à criação. Portanto, no coração da vida divina, há comunhão, há dom absoluto. “*Deus é amor*” (1 Jo 4,16) - dirá noutro lugar o mesmo Apóstolo, indicando assim “a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho”. Deus dá - Se - nos a conhecer como mistério de amor infinito, no qual, desde a eternidade, o Pai exprime a sua Palavra no Espírito Santo. Por isso, o Verbo, que desde o princípio está junto de Deus e é Deus, revela-nos o próprio Deus no diálogo de amor entre as Pessoas divinas e convida-nos a participar nele.<sup>28</sup>

Em Jesus, Deus é verdadeiramente revelado e anunciado à humanidade. Pois, no seu próprio agir, se encontra plenamente a face bondosa e misericordiosa do Pai e, com isso, a revelação do Pai, que é a sua própria revelação, do Filho: *Voltando-se para Filipe, disse-lhe Jesus - Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces? Quem me vê, vê o Pai. Como é que pode dizer: Mostra-nos o Pai? Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas é o Pai que, permanece em mim* (Jo14, 9-10).

De fato, definitivamente Jesus é quem revela o Pai para a humanidade, e ao mesmo tempo se revela. Ele faz a humanidade participante da adoção filial. Pois vivendo e se estabelecendo em perfeita comunhão de espírito e ação com o Pai, Jesus – o Verbo encarnado, o Filho do Deus Vivo – dá-se como a própria Palavra viva e permanente do Pai, caminho decisivo da salvação. Aquele que encontra Jesus, o enviado do Pai, encontra a própria Palavra de Deus, chamada a ser acolhida e assumida numa relação de encontro e reciprocidade: “desde então a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma voz; agora a Palavra tem um rosto, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré”.<sup>29</sup>

Na perfeita humanidade de Jesus, a vontade do Pai é acolhida e consumada num profundo ato de fidelidade e de amor, o que revela Cristo como salvador do mundo, capaz de se entregar e se abandonar na cruz em favor de muitos. Ora, Jesus, mesmo sentindo o fardo da missão, abandona-se nos braços do Pai, na hora da morte. Observa-se, então, que todo agir de Jesus, a saber, “a sua história, única e singular, é a palavra definitiva que Deus diz à humanidade”<sup>30</sup> e, por isso, revela a si mesmo, como também aquele que o enviou, que é ele mesmo.

As palavras de Jesus, para citar apenas dois exemplos entre muitos, são chamadas “palavras de vida eterna”, e o discipulado fica dependente do “guardar suas palavras”. E ele mesmo é chamado “a Palavra”, porque ele é a auto-manifestação



final de Deus à humanidade. Seu ser, que é chamado “a Palavra”, se expressa *também* em suas palavras.<sup>31</sup>

Jesus, única, verdadeira e definitiva Palavra de Deus, revela no seu agir a face bondosa de Deus. Pois, em seu testemunho, o Pai nos é comunicado como sua primeira e principal ocupação. Não obstante, embora Jesus seja, de fato, o revelador do Pai ao anunciar o Reino – o que também testifica sua própria revelação – a acolhida e compreensão desta novidade da Palavra revelada somente pode acontecer numa atitude de total abertura ao Verbo, que é o próprio Jesus. Quem percebia realmente a centralidade desta mensagem eram aqueles que se abriam para acolher na vida, não só a boa nova, anunciada, mas o próprio Jesus, o Filho de Deus, como Palavra viva e encarnada.

Vê-se, então, que Jesus, vivendo plenamente numa comunhão de amor e fidelidade com Aquele que o enviou, a quem o chama de *Abbá*, revela-se como Palavra cheia do Espírito de Deus: *Com efeito, aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois ele dá o Espírito sem medida. O Pai ama o Filho e tudo entregou em sua mão* (Jo 3,34-35). Jesus é a própria Palavra revelada e encarnada, chamada a ser acolhida e assumida, no espírito livre, a fim de que a mensagem de quem o enviou seja percebida e acolhida no segredo mais íntimo dos corações.

O Verbo fez-Se carne (Jo 1,14): a Palavra por excelência de Deus, a Palavra última e definitiva, é Jesus Cristo, a sua pessoa, a sua missão, a sua história intimamente unidas, segundo o plano do Pai, que culmina na Páscoa e tem a sua realização definitiva quando Jesus entregar o Reino ao Pai (cf. 1Cor 15,24). Ele é o Evangelho de Deus para o homem (cf. Mc 1,1).<sup>32</sup>

Portanto, Jesus, a Palavra de Deus – na sua intimidade com o Pai – revela e testemunha Deus à humanidade e, com isso, revela a si mesmo, como Palavra verdadeira de Deus, prometida desde sempre ao mundo. Palavra que, imersa no mistério de Deus, comunica e anuncia a boa nova e, por isso, clama pela paz, pela justiça e pela misericórdia.

## CONCLUSÃO

Em profunda comunhão, Jesus se dirige ao Pai, chamando-o de *Abba*, cuja expressão evidencia a plena relação de Jesus com Deus. Dado, então, por essa relação de profunda intimidade, todo agir de Jesus era expressão do agir de Deus, porque Deus o habitava e permanecia com ele, assim como Jesus habitava o ser de Deus. Por isso, vê-se que toda a ação de Jesus não tinha outro propósito, a não ser unicamente revelar e tornar conhecido aquele que o enviou.

Toda a atuação, pregação e conteúdo da mensagem anunciada e revelada por Jesus foram apreendidos por muitos como verdadeira novidade, a ponto de sentirem cativados e atraídos, principalmente pela sua pessoa e por aquilo que despertava na multidão. Ora, é oportuno exprimir que o centro da atuação de Jesus foi o anúncio do Reino, uma vez tornada presente



no mundo pelas suas palavras e obras. Este Reino traduz a revelação da Palavra em palavras e ações, que pode ser compreendida como expressão da revelação plena do amor de Deus aos homens, por meio do Filho, no Espírito.

Por isso, por ser o enviado do Pai, o mensageiro de boa nova, Jesus se revela como a verdadeira Palavra de Deus, aquele que nos comunica o Espírito, o definitivo e verdadeiro revelador do Pai, pelas palavras, gestos e sinais. E ao revelar o conteúdo e a essência da sua mensagem, Jesus comunica essencialmente sua vida pessoal, suas preferências, suas opiniões, decisões e suas escolhas. E isso ele faz à luz de uma profunda experiência de amor, entrega e abandono e, sobretudo de fé, no Pai.

Originariamente Deus é Pai de Jesus, Verbo encarnado, Aquele que comunica o Espírito e anuncia a Boa Nova, revelando sinais verdadeiros do amor de Deus à humanidade: o Filho, perfeita resposta de amor do Pai. A relação de amor e comunhão de Jesus com o Pai, no Espírito, é o que o movia a ter no centro da sua vida somente o desejo e a vontade de fazer aquilo que o Pai Lhe comunicava. E é justamente esse Espírito comunicado por Jesus, vivido numa relação de fé, que a comunidade cristã é chamada a ser portadora e testemunha da mensagem recebida, por meio do Espírito de Deus.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Antônio José. Sois um em Cristo Jesus. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2004.

BENTO XVI. Verbum Domini. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CATÃO, Francisco. Falar de Deus: Considerações sobre os fundamentos da reflexão cristã. São Paulo: Paulinas, 2001.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno (orgs.). Os Evangelhos II. São Paulo: Loyola, 1992.

KESSELER, Hans. Jesus Cristo, caminho da vida. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Manual de Dogmática). V.I.

LADARIA, Luis F. O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

LOPES, Geraldo. Dei Verbum, texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Revisar o Concílio).

MOINGT, Joseph. Deus que vem ao homem: Do luto à revelação de Deus. São Paulo: Loyola, 2010. Vol. I.

\_\_\_\_\_. O homem que vinha de Deus. São Paulo: Loyola, 2008.

PAGOLA, José Antonio. Jesus: uma abordagem histórica. Gráfica de Coimbra 2, 2008.

PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In: Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965): São Paulo: Paulus, 1997.



\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997.

RUBIO, Afonso Garcia. O Encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SCHILLEBEECKX, Edward. Jesus: a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008.

SÍNODO DOS BISPOS. Lineamenta. A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. In: SEDOC 322/39 (2007).

TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. Tradução por Getúlio Bertelli. São Paulo: Paulinas, 1984.

WARDISON, Antonio; TEIXEIRA, César. O Desejo de Deus pela Salvação do Homem: Perspectiva Histórico-Teológicas no Antigo Testamento. Vol. 5, n. 8, p. 37, jul/dez, 2011.

WARDISON, Antonio; TEIXEIRA, César; JESUS, José Teixeira de. O Prólogo de João: Atributos Conferidos ao Logos. In: Revista de Cultura Teológica. Vol. 19, n. 74, p. 31-49, abr/jun, 2011.

## NOTAS

\* Doutor em Teologia Bíblica, professor do Curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\*\* Mestre em Filosofia pela PUC-SP, graduado em Filosofia e Teologia.

\*\*\* Graduado em Filosofia e Teologia. Especialista em Bioética.

<sup>1</sup> LOPES, Geraldo. Dei Verbum, texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 38-9. (Coleção Revisar o Concílio).

<sup>2</sup> KESSELER, Hans. Jesus Cristo, caminho da vida. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). v.I. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 356. (Manual de Dogmática).

<sup>3</sup> PAGOLA, José. Jesus: uma abordagem histórica, p. 323-324.

<sup>4</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. Jesus: a história de um vivente. São Paulo: Paulus, 2008, p. 192.

<sup>5</sup> WARDISON, Antonio; TEIXEIRA, César. O Desejo de Deus pela Salvação do Homem: Perspectiva Histórico-Teológicas no Antigo Testamento. Vol. 5, n. 8, p. 37, jul/dez, 2011: “[...] a salvação que vem Deus é articulada na história por meio de seu Filho Jesus Cristo. Ele é o salvador por excelência, pois é o Deus que se fez homem e tornou possível o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Desta forma, Jesus é a compreensão, a prática e o desenvolvimento da consciência do Deus - Criador e desejoso pela salvação, na história e na Vida”.

<sup>6</sup> WARDISON, Antonio; TEIXEIRA, César; JESUS, José Teixeira de. O Prólogo de João: Atributos Conferidos ao Logos. In: Revista de Cultura Teológica. Vol. 19, n. 74, p. 31-49, abr/jun, 2011: “Deus, que por sua vez é incansável, torna-se atingível pela Palavra: primeiro na criação; depois na encarnação, porque este Logos chega a converter-se em homem. E é então que sabemos que Jesus de Nazaré e o Logos se identificam”.

<sup>7</sup> LADARIA, Luis F. O Deus vivo e verdadeiro: o mistério da Trindade. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 63.

<sup>8</sup> O termo Abba, é usado por Jesus cerca de 174 vezes nos Evangelhos para designar a Deus como Pai. Contudo, “o fato de dirigir-se ao Deus de Israel na linguagem corrente e de modo muito singelo e direto chamando-o de “abba, Pai” atesta o quanto ele lhe é próximo e familiar. KESSELER, Hans. Jesus Cristo, caminho da vida, p. 251.

<sup>9</sup> CATÃO, Francisco. Falar de Deus: Considerações sobre os fundamentos da reflexão cristã. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 105.

<sup>10</sup> FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno (orgs.). Os Evangelhos II. São Paulo: Loyola, 1992, p. 322.

<sup>11</sup> LADARIA, Luis F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 62.

<sup>12</sup> KESSELER, Hans. Jesus Cristo, p. 252.

<sup>13</sup> MOINGT, Joseph. Deus que vem ao homem: Do luto à revelação de Deus. São Paulo: Loyola, 2010. Vol. I, p. 290.

<sup>14</sup> LADARIA, Luis F. O Deus vivo e verdadeiro, p. 57.



- 
- <sup>15</sup> TILLICH, Paul. Teologia Sistemática. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 374-375.
- <sup>16</sup> PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a Revelação Divina. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997, 2.
- <sup>17</sup> KESSLER, Hans. Jesus Cristo, p. 252.
- <sup>18</sup> Dei Verbum, 4.
- <sup>19</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. Jesus: a história de um vivente, p. 663.
- <sup>20</sup> Ibid., p. 189.
- <sup>21</sup> RUBIO, Afonso Garcia. O Encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 77.
- <sup>22</sup> MOINGT, Joseph. O homem que vinha de Deus. São Paulo: Loyola, 2008, p. 43.
- <sup>23</sup> MOINGT, Joseph. O homem que vinha de Deus, p. 51.
- <sup>24</sup> ALMEIDA, Antônio José. Sois um em Cristo Jesus. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2004, p. 35.
- <sup>25</sup> PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In: Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965): São Paulo, 1997, 3.
- <sup>26</sup> RUBIO, Afonso Garcia. O Encontro com Jesus Cristo Vivo, p. 40.
- <sup>27</sup> PAGOLA, José. Jesus: uma abordagem histórica, p. 370-374.
- <sup>28</sup> BENTO XVI. Verbum Domini. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, 6.
- <sup>29</sup> Verbum Domini, 12.
- <sup>30</sup> Verbum Domini, 11.
- <sup>31</sup> TILLICH, Paul. Teologia sistemática. São Paulo, p. 338.
- <sup>32</sup> SÍNODO DOS BISPOS. Lineamenta. A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. In: SEDOC 322/39 (2007), p. 648.